

OS DOZE QUILOMBOS COMO MOVIMENTO DE RESISTÊNCIA NA REGIÃO DOS LAGOS, DA ANTIGA CABO FRIO AO SÉCULO XXI

THE TWELVE QUILOMBOS AS A RESISTANCE MOVEMENT IN THE LAGOS REGION, FROM THE OLD CABO FRIO TO THE 21ST CENTURY

Jean Pierre de Cristo¹

Resumo: Este artigo tem como proposta a importância da luta e da resistência das comunidades quilombolas que remaneceram na Região dos Lagos, no Estado do Rio de Janeiro, desde o processo da introdução de seres humanos vindo da diáspora africana como pessoas escravizadas até a formação dos quilombos coloniais e os contemporâneos. Hoje a Região dos Lagos possui doze comunidades quilombolas que permanecem vivas para darem continuidade ao legado histórico de seus ancestrais, povos que vieram escravizados de vários países do continente africano para produzirem mão de obra na antiga Cabo Frio do século XVII.

Palavras-chave: Escravidão. Resistência. Ancestralidade.

Abstract: This article aims to discuss the importance of the struggle and resistance of the quilombola communities that remained in the Lagos Region, in the State of Rio de Janeiro, from the introduction of human beings from the African diaspora as enslaved people to the formation of colonial and contemporary quilombos. Today, the Lagos Region has twelve quilombola communities that remain alive to continue the historical legacy of their ancestors, people who came as slaves from various

¹ Formado em História, pesquisador é pós graduado em Antropologia e também em História e Cultura Afro-brasileira, membro do Instituto Histórico e Geográfico de Iguaba Grande e do Coletivo Cultural Olhar da Perifa, desenvolve pesquisas sobre a escravidão afro-indígena na Região dos Lagos desde 2015.

countries on the African continent to produce labor in the former Cabo Frio in the 17th century.

Keywords: Slavery. Resistance. Ancestry.

INTRODUÇÃO

Atualmente na Região dos Lagos, região localizada no interior do Estado do Rio de Janeiro, possui doze comunidades quilombolas divididas geograficamente em cinco municípios dos nove que compõem a região. Os Doze Quilombos, são comunidades remanescentes de africanos que foram escravizados na antiga Capitania de Cabo Frio, e que hoje estão divididos nos municípios de Cabo Frio, Búzios, São Pedro da Aldeia e Araruama, faziam parte de um complexo de fazendas, que eram fazendas satélites que pertenciam à fazenda principal de Cabo Frio, a fazenda de Campos Novos, que era de propriedade da Companhia de Jesus, onde jesuítas que vieram de Campos dos Goytacazes fundaram a fazenda em 1630. De acordo com Nascimento (2006), o quilombo é uma instituição africana, que nasce entre o reino do Congo e Angola, que se iniciou com a invasão dos guerreiros Imbangalas, também conhecidos como Jagas, caçadores que vieram do Leste invadindo várias aldeias, e expulsando esses, fazendo-os migrar para outros lugares, criando neste processo o conceito de quilombo. No Brasil de forma errônea o conceito de quilombo faz uma diminuição desta instituição africana, que nasceu como uma sociedade pluriétnica, e socialmente evoluída também economicamente, mas aqui os colonizadores simplificaram os quilombos apenas como “lugar de negros fugidos de fazendas e engenhos”.

Os quilombos na antiga Cabo Frio, historicamente surgem principalmente no século XVIII quando se tem os primeiros escritos sobre guerras entre fazendeiros e africanos aquilombados na região de Bacaxá e também em outras áreas dos sertões de Cabo Frio, sinais que alguns quilombos estavam trazendo problemas para a corte, com roubos a fazendas e libertando outros africanos escravizados. Mas o quilombo de Bacaxá foi o mais combativo contra a escravidão na região, bem

como o quilombo da rainha Maria e o rei Joaquim, este de acordo com Enbel (2021) teria sido criado em 1790, e também construído como forma de resistência de escravizados fugidos de engenhos e fazendas, mas que também foram perseguidos e muitos de seus membros aquilombados foram mortos e presos na corte, ainda de acordo com Enbel (2021) a rainha Maria foi presa e o rei Joaquim foi morto por companheiros em desentendimento. Historicamente em nossa região o quilombo de Bacaxá foi de fato o mais evidente na luta pela libertação de seu povo ainda no começo do século XVIII.

Gomes (1997) cita que:

“No início da década de 1730 autoridades do Rio de Janeiro voltaram os olhos para a localidade de Bacaxá, onde existia um considerável mocambo. Esta região conhecida como área de “sertão” localizava -se próxima do recôncavo da Guanabara junto a um rio também chamado Bacaxá”.

Durante os séculos XVIII e XIX havia muitas tentativas de formações que quilombos na matas da antiga Cabo Frio, quilombos que se rebelavam contra o sistema escravocrata colonial, mas em sua maioria foram dizimados principalmente na gestão do governador Luiz Vahia Monteiro, que criou um exército para eliminar todos o quilombos que estavam formados nos sertões do Rio de Janeiro, e de acordo com Gomes (1997), Vahia Monteiro era um militar conhecido pela sua administração austera para combater ladrões e criminosos na Capitania do Rio de Janeiro, ganhando, inclusive o apelido de “Onça”. Após esse período sangrento de guerras e prisões entre esses quilombos e a corte, ficou a região livre de mucambos “rebeldes” vindo a surgir novas comunidades quilombolas, mas quase dois séculos depois, quando surge outro conceito de quilombo que é a forma de campesinato, criando uma nova forma de entender o processo de aquilombamento na Região dos Lagos.

Hoje as comunidades quilombolas da Região dos Lagos seguem essa linha socioeconômica, com uma diversidade cultural ampla, mas por meio de pesquisas de campo observou-se que todos têm características diferentes, apesar de serem oriundos do mesmo espaço geográfico, divididos em várias fazendas satélites, mas que pertenciam à fazenda central que era Campos Novos. A construção destas comunidades se divide entre a escravidão legalizada e depois no pós-abolição, que criou antes

os quilombos de resistências, que lutavam contra o sistema escravocrata e colonial da época, e depois com o fim da escravidão, surge no território de Cabo Frio, os quilombos oriundo do “campesinato”, quilombos que nascem dentro do espaço territorial da própria fazenda na qual esses ex-escravizados pertenciam, muitos destes ganharam terras doadas por fazendeiros, outros compraram o seu pedaço de terra, cada um conforme as condições que era imposta pelos proprietários para adquirirem as terras para sobreviverem, plantar e dar continuidade ao processo de resistência desde a diáspora até a contemporaneidade, pois a luta destes povos é atemporal.

QUADRO

Importante entendermos como ficou dividido nessas comunidades quilombolas, que pertenciam a uma mesma cidade, a antiga Cabo Frio, e depois com os desmembramentos e emancipações, essas comunidades distanciaram-se geograficamente como veremos o quadro a seguir:

Quadro – divisão geográfica das comunidades quilombolas da Região dos Lagos, RJ.

Preto Forro	Cabo Frio
Maria Romana	Cabo Frio
São Jacinto	Cabo Frio
Espírito Santo	Cabo Frio
Botafogo	Cabo Frio
Caveira	São Pedro da Aldeia
Rasa	Búzios
Maria Joaquina	Búzios
Baia Formosa	Búzios
Sobara	Araruama
Prodígio	Araruama
Prainha	Arraial do Cabo

Fonte: Fundação Palmares.

O quilombo da Prainha² continua em processo de estudos históricos para obter a certificação da Fundação Palmares, quilombo esse que tem um histórico de ocupação no morro da Cabocla em Arraial do Cabo desde o século XVII. De acordo com Prado (2002), a Prainha era o único lugar na cidade de Arraial do Cabo onde o negro poderia morar. A oralidade também narra esses fatos, em que os negros da cidade eram realmente proibidos de frequentar outras praias e bairros, se houvesse insistência, apanhavam dos portugueses que moravam na Praia dos Anjos. Esse quilombo em específico é o único com características urbanas, pois nasceu com o desenvolvimento da cidade de Arraial do Cabo, formado numa área totalmente urbana.

OBJETIVO

O maior objetivo deste artigo é trazer as pessoas a certeza da existência destes doze quilombos no interior do Rio de Janeiro, pois quase sempre em palestras e aulas sobre a escravidão africana na região e espantoso o número de pessoas que desconhecem a realidade destas comunidades, e que não tinham ideia desta quantidade de famílias quilombolas numa única região. Trazer esse pertencimento para a população regional mostrando a força destas comunidades. De acordo com Márcia de Oliveira (2023), na sua tese de mestrado, ela afirma o quanto é importante evidenciar as comunidades quilombolas para a construção de uma identidade e cultura afro-brasileira. Essa identidade que produz uma riqueza cultural enorme enquanto raízes africanas, esses doze quilombos que remanescem na Região dos Lagos, estão a dar continuidade aos saberes deixados pelos seus ancestrais, continuando um caminho construído com muita dor e sofrimento produzido pelo sistema escravocrata colonial, mas diante disso, não desistiram da luta e de manter todo o aprendizado para as futuras gerações.

Diante disso, entender que esses remanescentes buscam também reparações históricas na qual sofreram os seus antepassados, que foram escravizados as centenas, principalmente na fazenda

2 Localizado no Morro da Cabocla em Arraial do Cabo - RJ, encontra -se na luta para ter o seu reconhecimento como único quilombo urbano da Região dos Lagos.

de Campos Novos, Araújo; Carvalho citam (2017) que o projeto de Campos Novos era grandioso em termos económicos e por esse motivo demandava um número alto de pessoas escravizadas nativas ou vindos da África. Essa numerosa quantidade de quilombos na região se explica devido ao tráfico clandestino, mesmo com a Lei Eusébio de Queiroz de 1850 em vigor, a região de Cabo Frio continuou a trazer escravizados do continente africano por quase uma década, multiplicando a quantidade de africanos nas fazendas e engenhos do Rio de Janeiro. É importante falar sobre esses doze quilombos que remanescem, pois de acordo com Soares (2018), quilombo é um poderoso símbolo ideológico, capaz de congrega e animar lutas do povo negro em todo o Brasil em prol do direito à vida. Neste sentido o reconhecimento destas doze comunidades quilombolas é essencial para entendermos o processo de formação escravocrata na região de Cabo Frio, compreendendo laços culturais e familiares entre eles, que não foi dissolvido pela divisão geográfica, hoje estão mais unidos que nunca, buscando sempre entre eles a troca ancestral de saberes, e isso precisa passar para todas as gerações que buscam entender melhor essa formação quilombola na Região dos Lagos, colocando essas comunidades em evidência, pois ainda de acordo com Soares (2018), a desumanização do povo negro foi a norma na sociedade escravista brasileira e de tantos outros lugares.

CONCLUSÃO

A pesquisa e o mapeamento destas comunidades quilombolas, começou em 2015 quando procurava um meio de entender uma região com uma população amplamente de pessoas negras, e com um histórico de centenas de fazendas e engenhos, mas que não havia nenhuma referência mais ampla sobre o processo de formação tanto escravocrata quando das origens destes quilombos. Mesmo com toda essa nova realidade do distanciamento entre eles, é preciso compreender que essas comunidades têm uma ligação ancestral desde a diáspora.

De acordo com GONZALEZ:

“Para além do seu carácter puramente geográfico, a categoria de amefricanida-

des incorpora todo um processo histórico de intensa dinâmica cultural (adaptação, resistência, reinterpretação, e criação de novas formas) que é afrocentrada”. (1988, p.76-77).

González (1988) nos mostra que a geografia não é um impedimento para que as raízes destas comunidades continuem em confluência dos seus saberes e resistências na luta contra o apagamento colonial que insiste em negar a existência de boa parte deles, principalmente no aspecto social, onde muitos destes quilombos estão ignorados pelo poder público, muitos estão com transporte públicos limitados, escolas sem nenhuma representatividade quilombola, professores que não conhecem a suas culturas e saberes, quilombos que lutaram por décadas para terem as suas necessidades básicas de sobrevivência, itens como energia elétrica no qual o núcleo Zebina de Baía Formosa, somente foi adquirir neste ano de 2025, após audiência pública com órgãos do judiciário, concessionárias e a população quilombola. Desta forma dar continuidade a esse processo de pesquisa é reforçar a importância de perpetuar a memória destas doze comunidades quilombolas da região, criando mecanismos para que essas comunidades possam cada dia mais fomentar a sua ancestralidade, desenvolvendo a sua arte e cultura. Existe um elo muito forte entre essas comunidades, elos de sangue, étnico e de compreensão na qual eles precisam honrar aqueles que vieram antes, e a melhor maneira de se fazer isso, é perpetuar a memória de todos eles, incentivando novos pesquisadores, historiadores e estudantes universitários para fazer a manutenção da história de cada uma destas comunidades quilombolas.

A história é importante para compreendermos o passado, Abdias Nascimento (2002) no seu livro O Quilombismo, fala da importância da história ancestral regional, em que precisamos nos aprofundar na história da África para termos mais informações de quem nós somos enquanto sociedade afro-brasileira principalmente nas lutas, os quilombos são esse canal entre a ancestralidade e a perpetuação da memória destes africanos que passaram pela região. A luta pela sobrevivência destas comunidades, principalmente Sobara, Prodígio e Preto Forro, que estão a ser suprimidas pela por uma empresa canavieira chamada AGRISA, está a cada dia delimitando o espaço destes quilombos na Região dos Lagos, mas isso é um problema que aflige todo o Brasil onde um quilombo

se faz presente.

SANTOS (2007) cita que:

“As famílias quilombolas que vêm conseguindo resistir ao massacre desta empresa “Fíbria”, encontram-se atualmente em permanente situação de insegurança, vivendo em pequenas clareiras em meio a imensidão de eucaliptos (cana-de-açúcar), em grave situação de vulnerabilidade”.

Na Região do Lagos, ainda chamada de forma pejorativa de interior do Estado, abriga esses doze quilombos na qual vivem diariamente a luta contra a herança colonial e a especulação agrícola e imobiliária que vem engolindo imensos territórios quilombolas, e quebrando uma cadeia cultural deixada pelos seus ancestrais, pois muitas famílias quilombolas, quando perdem a sua terras, passam a migrar para lugares urbanos como o Jardim Esperança, Jardim Però, que abriga uma imensa população de pessoas pobres, negra e excluídas por um processo eugênico de várias partes da região. Diante disso, comunidades quilombolas como a Rasa tiveram parte das suas famílias expulsas na década de 1970 por um fazendeiro chamado Henrique Cunha Bueno, essas famílias tiveram que se alojar em áreas como o Jardim Esperança criando vários núcleos. De acordo com SILVA (2022), A fragmentação, isto é, descontinuidade espacial do território impostas por estradas, lotes, condomínios privados, áreas de proteção ambiental, que reduzem o território; isto implica na existência de quatro diferentes núcleos territoriais em Baía Formosa: Núcleo Elisa, Núcleo José, Núcleo Zebina; e Núcleo dos Expulsas.

A luta pela preservação destas comunidades quilombolas na Região dos Lagos, é uma luta de todos, sociedade civil, poder público, para que esses remanescentes possam dar continuidade aos seus saberes, cultura e toda forma de manifestação ancestral, na confecção do artesanato, bem como a produção da agricultura familiar passada de geração para geração, como o cultivo do aipim para a fabricação da farinha. Os doze quilombos que ainda remanescem nestes cinco municípios que compõem a Região dos Lagos precisam de uma maior visibilidade educacional, acadêmica, fazendo com que a população regional reconheça esses territórios, e buscar parcerias de acolhimento e de

aprendizagem numa troca de saberes, criando um laço para que essas memórias não se percam pelo esvaziamento cruel criado pela especulação imobiliária na nossa região, o aquilombamento é urgente.

Que essas comunidades possam ter a suas titularidades territoriais reconhecidas pelo INCRA, dando-lhes o direito definitivo para que esses povos tradicionais tenham paz e consigam usufruir daquilo que foi herdado pelos seus antepassados com muito sangue, suor e luta ao longo do caminho, isso desde a diáspora a formação dos quilombos contemporâneos, foram séculos de lutas para que esse povo pudesse chegar até aqui. Nada irá apagar o processo dolorosa causado pela escravidão na região, mas podemos trazer uma reflexão do quanto é importante a valorização e a manutenção dos saberes culturais destes povos quilombolas para a formação da nossa sociedade, diminuindo a distância entre o saber e a ausência de conhecimento sobre esses doze quilombos da Região dos Lagos.

“A terra é meu quilombo, o meu espaço é meu quilombo”.
Beatriz Nascimento

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Paulo Roberto P.; CARVALHO, Jonatas. Entre o latifúndio e a vila: A fazenda de Campos Novos e a formação urbana de Cabo Frio, séculos XVII e XVIII.

ENBEL, Richard. Um Rio de Revoltas, Quilombo de Cabo Frio, Capitania Real do Rio de Janeiro (1567 - 1821) Cabo Frio. FAPERJ - CNE 2018 - 2021.

GOMES, Flávio dos Santos. A Hidra e os Pântanos: Quilombos e Mucambos no Brasil (secs. XVII - XIX), 1997 - Tese de doutorado apresentada ao Departamento de História do Instituto de Filosofia Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas.

GONZALEZ, L. A categoria política-cultural da amefricanidade. Tempo Brasileiro, 1988.

NASCIMENTO, Maria Beatriz. O conceito de quilombo e a resistência cultural negra. RATTS, Alex. Eu sou atlântica: Sobre a trajetória de Beatriz Nascimento. São Paulo: Império Oficial do Estado/ Instituto Kuanza – 2006.

NASCIMENTO, Abdias. O Quilombismo: Documentos de uma militância Pan-Africanista, 2002 – Fundação Cultural Palmares, OR Editorial Produtor independente. 2º Edição.

OLIVEIRA, Márcia. A Importância dos Quilombos para construção de uma identidade e cultura afro-brasileira. Revista África e Africanidades, Ano XVI, ed. 47-48 agosto a novembro, 2023 – ISBN 1983-2354. www.africaeaficanidades.com.br

Sites de consultas:

<https://www.historia.uff.br/impressoesrebeldes/revolta/quilombo-de-cabo-frio/>

<https://conaq.org.br/>

<https://www.gov.br/palmares/pt-br>

<https://cabofrio.rj.leg.br/>